



Publicações Periódicas  
Pode abrir-se por subscrição postal. Autorizada a circular fechada DEZ1302022CSB2B/jan



# Gaiato

1 de Novembro de 2025 • Ano LXXXII • N.º 2130  
Quinzenário • Jornal de Distribuição Gratuita

Fundador: Padre Américo

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Director: Padre Júlio  
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

## DA NOSSA VIDA

### Paternidade

NO seu tempo de criança veio visitar a Casa do Gaiato, integrada num grupo de alunos de escola primária. Pai Américo, à porta da nossa Aldeia, recebeu-os e, como era hábito nesse tempo, beijaram-lhe todos a mão. A memória gravou e guardou.

Há tempos atrás, outra senhora escrevera-nos contando que, em visita semelhante, também à mesma porta, foram acolhidos por Pai Américo que, com o gesto de lhe pôr a mão sobre a cabeça, os abençoou.

Em ambos os casos foram estes gestos marcantes para estas senhoras, então crianças, e percorreram todas estas décadas, até hoje, como um dom, recebidos de um Pai que estendia a sua paternidade também às crianças em visita, para além da exercida dentro dos muros da nossa Aldeia.

Depois do acolhimento a visita. O mesmo espírito familiar a acompanhar os visitantes, guiados pelos cicerones gaiatos a levá-los por todo o espaço da Casa que é a sua.

Esta é uma marca distintiva do nosso modo de viver que não se pode perder, apesar da diferença dos tempos, em que os gestos ganham ou perdem significado em valor e aceitação.

Presentemente as visitas terminam com a visualização de um filme, no nosso Memorial da Obra da Rua / Padre Américo, feito nos inícios da Casa do Gaiato de Paço de Sousa, onde se retratam os momentos e as actividades da vida da Casa. É a vida desses tempos, nua e crua, que nos fazem recuar 80 anos.

No final, sempre a mesma reacção dos espectadores que nos toca profundamente – uma salva de palmas espontânea, o que comprova que a nossa Obra está, desde o seu início, no caminho certo: vida familiar, vida activa, vida participativa, caminhos em que a criança cresce, se desenvolve e é feliz.

A mudança para uma vida artificial, para que nos querem levar, oficialmente estabelecida, nem educa, nem sociabiliza, nem cria um ambiente familiar que nos faça felizes.

Pai Américo fez os seus estudos de joelhos, aprendendo com os Rapazes. Assim se fez Mestre e Pai para nós.

Padre Júlio



## BENGUELA – VINDE VER!

### O nosso contributo para a Educação

VAMOS realizar as primeiras jornadas académicas da escola da Casa do Gaiato de Benguela nos dias 7 e 8 do mês de Novembro deste ano, marcado pelas celebrações dos 50 anos de independência nacional. A actividade vai ser realizada no anfiteatro da Casa (salão de festas). A nossa escola existe desde a fundação da aldeia em 1964. Desde a primeira hora esteve sempre focada na formação académica, marcada por fortes princípios humanísticos, e ético-morais a serem adqui-

ridos pelos beneficiários. A escola servia a comunidade de rapazes que naquela altura residiam na Casa. Havia lugar para todos dentro das salas de aulas. Com o aparecimento de novas povoações nos arredores da nossa aldeia, então começou o movimento das pessoas em busca de uma vaga na nossa escola. A situação foi crescendo, fomos recebendo cada vez mais novos alunos pertencentes as comunidades vizinhas e até alguns vindos da cidade. Outro dia, estando a

fazer um recado na cidade vi alunos que levavam o uniforme com o logótipo oficial do Gaiato. O menino de braços abertos ansioso de receber o carinho de alguém para ser amparado, acolhido, educado e promovido a altura da autonomia e enquadramento social condigno quando atingir a idade juvenil. O número cada vez mais crescente de alunos externos obrigou à construção de um segundo bloco de três novas salas de aula e mais duas no rés-do-chão da casa três (habitação

dos rapazes com idades compreendidas entre os 8 e os 12 anos). Inicialmente a escola funcionava desde a iniciação até a quarta classe. Com o andar do tempo e atingindo níveis de operacionalização do processo de ensino e aprendizagem com qualidade (facto que justifica as enchentes no acto de matrícula e transferências de outras escolas para a nossa) passamos para outro degrau a nível do ensino nacional. Nos anos 2000 até 2013 passamos também para continuidade agregando a 5ª e a 6ª classes do ensino geral. De 2014 até ao presente passamos a categoria de escola a leccionar desde a iniciação à 9ª classe. Terminando este ciclo, os estudantes, quer internos quer externos, devem buscar novas matrículas para o ensino médio nos Institutos da cidade. Os nossos rapazes são acompanhados para a realização da orientação vocacional a fim de poderem proceder à escolha mais adequada para o curso médio que desejam frequentar. O processo normalmente é orientado por mim que auxilio os rapazes a fazer uma introspecção para identificarem os seus pontos fortes e aqueles de menos potencialidade, evitando cursos que não respondam às suas preferências, às suas apti-

Continua na página 3

## MALANJE

HÁ umas semanas, apareceram do INAC (Instituto Nacional da Criança) com um menino que aparentava ter uns 4 anos. Pediram-me para o receber e eu logo desconfie, pois não trazia qualquer documento. A técnica do INAC tirou-lhe a camisa e pude ver como tinha as costas e parte do pescoço cheios de cortes e cicatrizes. Abracei-o imediatamente... o seu corpo já trazia escritos todos os documentos necessários para ser recebido no Gaiato.

Segundo a informação, o pequeno apareceu no hospital com uma malária muito avançada, e ao verem o seu estado, os médicos avisaram a polícia, que por sua vez informou o INAC. O caso estava na justiça e precisavam de um lugar onde o menor pudesse ser acolhido.

Jovani, como é chamado o menino, não dizia uma palavra, apenas apontava as coisas. Rapidamente demos-lhe um banho, cortámos-lhe o cabelo e vestimo-lo com uma roupinha limpa. Já passaram três semanas desde então. Agora o pequeno já sorri e começa a dizer as suas primeiras palavras. Desde que chegou, tenho procurado cuidar dele pessoalmente — de tal forma que, mal acorda, vem até à varanda e começa a chamar: “Padreeee, padreeee!”, até eu abrir a porta.

Alguém me disse que esse menino, em quinze dias, recebeu mais amor do que em quatro anos de vida. O Gaiato tem essa magia de devolver a voz e o sorriso às crianças.

Este ano, ao abrir a possibilidade de que os mais velhos possam continuar os seus estudos universitários em Casa, e de que aqueles que passam para o segundo ciclo do ensino secundário possam escolher a sua área de estudos, teremos um grande desafio económico. Realmente não sabemos se conseguiremos responder a tudo, mas estamos conscientes de que uma família, quando investe na educação dos seus filhos, está a prepará-los para o futuro e para contribuírem para uma sociedade mais justa.

Da parte dos chefes e de toda a comunidade, há a vontade

Continua na página 3

# Pelas CASAS DO GAIATO

## Manso e humilde de coração

O nosso Manuel Pinto era assim. Por ter bebido do Evangelho e dos ensinamentos de Pai Américo, era uma pessoa de integridade inquestionável e regia a sua vida com os valores da fé católica, da família, do trabalho, da dedicação que emprestava a tudo, da bondade e do sacrifício.

Conheci-o há 35 anos e privei de maneira próxima e dedicada nos últimos 15. Era o meu companheiro pós almoço e de escritório. Com o seu exemplo assimilei melhor a responsabilidade de ter uma conduta própria de um Obreiro: disponibilidade, sacrifício e pontualidade. Era muito organizado, metódico, exigente e disciplinado. Nunca lhe ouvi um maldizer, escrevia aos amigos no Natal e o Calvário estava sempre presente.

Era um fervoroso defensor do Pai Américo e da Obra da Rua. Dizia-me muitas vezes: "A Casa do Gaiato não é um Colégio, e não o pode ser nunca. É uma Família!", e continuava: "e todos nós temos a obrigação de a manter como o Pai Américo a idealizou." E, de facto, foi a sua primeira verdadeira Família.

Todos os que o conheceram, terão certamente algo de bom a dizer e a guardar como exemplo e aprendizagem.

À sua família, deixo as minhas sentidas condolências.

Grato pelo tempo que me dedicaste. Descansa em paz.

Nuno Almeida

### BEIRE – Flash's

## O prazer de "ir às gaipas"...

Parece que a palavra «gaipa» cheira a *regionalismo*. As gaipas são o *respigo*<sup>1</sup> das vindimas. Certo é que ambas as palavras fazem parte da minha *língua materna* - uma cultura ainda viva, no meio rural. E lembro que gostava / gosto de ler Pai Américo porque também "ele falava cm'á gente e não se atrigava disso"... Depois, à medida que fui entrando na linguagem bíblica, sempre associei o «ir às gaipas» à história de Rute — a *respigadora*. Essa estrangeira moabita que, pela sua lealdade e devoção à sua sogra Noemi (e ao povo de Israel, a cujo Deus se entrega de alma e coração), busca o sustento através da *respigagem* nos campos de Boaz, seu parente *redentor*<sup>2</sup>. E acaba até por entrar na linhagem de David — de cuja «descendência» nos veio Jesus, nosso Salvador.

**1. O prazer de cortar uma gaipa...** As imagens que das «gaipas» guardo da minha infância são tantas e tais que, desde que aqui cheguei, todos os anos por esta altura, sempre que posso «eu vou às gaipas». E porque este termo regionalista parece que tem a sua tónica em Trás-os-Montes, há dias dei com Pe. Telmo a «descongelar» esta palavra de que quase se tinha esquecido. E ele até acabou por me dizer «amanhã quero ir consigo às gaipas». E começou a descrever-me experiências de infância — *ir às gaipas com os miúdos da nossa idade, em tardes em que não havia nem escola nem catequese! Fabricarmos as nossas ganchas!... Era uma festa. Antes da chegada da televisão, era um entretém das crianças...*

Porque as pernas já não lhe

permitted grandes arrufos para *calcorrear o Gerês* como danças, meti-o no carro e lá fomos os dois... Porque já habituado ao campo, o meu Nissan Note entrou pela vinha dentro sem dificuldade nenhuma — o caminho já está aberto pelo manejo do trator usado no amanho da terra. Estou a ver a expressão dos olhos, naquele rosto centenar. Padre Telmo, menino feliz, num *reencontro* de infância não esquecida. Não me via a mim, via a ele. Mas, nele, eu também me via a mim...

Mostrava-lhe as gaipas onde elas eram pendentes, no bardo da vinha. Saía do carro, cortava e dava-lhas a provar — numa camaradagem de miúdos pró-centenários em gostosa folgança de tempos idos. Ajudava-o a distinguir as mais docinhas — porque mais expostas ao sol e já de cor a amarelar. Entro e saio do carro, numa doce repetição da mesma cena. Até que há um momento em que aparece uma gaipona, bonita, a fazer crescer água na boca.

— *Olhe para isso, Sr. Pe Telmo. Até abre o apetite à gente!...*

— *Deixe-me sentir o prazer de ser eu a cortá-la!...*

Encosto mais o carro ao bardo. O vidro está descido. O braço de Pe. Telmo estende-se até à gaipa. Com o jeitinho de quem já praticou o bastante, agarra a gaipa pelo *joelho* que lhe é peculiar, torce e... a gaipa, inteirinha, linda, fica-lhe na mão. Um delírio. Leva-a à boca com a sofreguidão daquele tempo em que a fomite também era apetite...

**2. — Fui às gaipas no meu quintal...** Retomo a marcha. Sinto que esta crónica começa

### MIRANDA DO CORVO — COIMBRA

**LAR DO GAIATO DE COIMBRA** — Foram admitidos recentemente mais três Rapazes no nosso Lar universitário de Coimbra, provenientes de Timor Leste: Júnior Pinto — licenciatura em Turismo, Território e Patrimónios, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Leonardo Martins — licenciatura em Relações Internacionais, na Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra; e Giovani Pinto — licenciatura em Estudos Musicais Aplicados, na Escola Superior de Educação de Coimbra, do Instituto Politécnico de Coimbra. Estes jovens, de maioridade, são acolhidos com contrato de comodato; e devem cumprir as regras estabelecidas. Todas as semanas, levamos mercaria e outros bens. As propinas e a *internet* são do encargo dos residentes, pelo que alguns têm trabalhos temporários. Desejamos que todos tenham bom comportamento e aproveitamento. Enviamos para as suas famílias, em Timor Leste, as nossas saudações e votos de saúde! A capaci-

dade do nosso Lar do Gaiato não permite, neste momento, mais acolhimentos, pois os quartos são individuais. Acontece que nos pediram para receber cinco estudantes de mestrado em Ciências da Terra, pelo que solicitámos quartos no Seminário Maior de Coimbra; o que veio a acontecer, com o nosso acompanhamento e bom acolhimento. Boa estadia na bela cidade do Mondego e dos estudantes!

**AGROPECUÁRIA** — Nesta quinta de S. Brás, há algumas latadas de uvas, a poente. Neste ano agrícola, foi possível vingar muitos cachos, pelo que a colheita foi razoável. Parte deles foi conservada para as sobremesas, pois são de castas de uvas de mesa. Feita a vindima, em Setembro, e recolhidos os cachos em cestos de plástico, desta vez foram levados à adega de um viticultor amigo, em Penela, para a feitura do vinho. Não é para consumo dos Rapazes, mas para temperos e ofertas a amigos. Em meados de Outubro, começou a

safrada da azeitona. As oliveiras estão muito carregadas de azeitonas, pelo que se prevê uma boa colheita, se não forem caindo. Foi necessário começar no *olival dos poços*, a nascente, sendo urgente a poda dessas oliveiras. Há muita azeitona para apanhar... Estamos a precisar de mais galinhas poedeiras. Entre outros gatos que param por cá, há um famoso — *o latagão!*

**PARTILHAS E CONTACTOS** — Depois da celebração do Centenário da entrada de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário de Coimbra, recebemos algumas ajudas em donativos e bens alimentares, que agradecemos. Muito obrigado! Continuamos a pedir aos nossos Amigos que divulguem a oração para a Beatificação do nosso Venerável Pai Américo e o nosso jornal *O GAIATO*. A nossa morada e os nossos contactos: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo — Casa do Gaiato, Largo de S. Brás, 15, 3220-034 Miranda do Corvo, telefone — 239 532 125; correio electrónico — [gaiatomiranda@gmail.com](mailto:gaiatomiranda@gmail.com)

Rapazes de Miranda

a nascer dentro de mim. O dia está ganho. Só por este *flashzinho*, neste Calvário a sonhar "caminhos não andados", valeu a pena ter nascido *labrego, um rabosano, camponês...* E, depois, ser guindado a *aprendiz de vivente* que não se cansa de buscar novas formas de expressar a alegria de viver. Tanto quanto possível descobrindo e ajudando a «revelar o segredo e a ciência da felicidade»...

Chegado a Casa, encontro a Lindinha — nossa preciosa colaboradora na recolha de sangue dos doentes, para análise, sempre que o médico manda que assim se faça. Porque trabalha num laboratório, ali em Paredes, porque é nossa vizinha e, sobretudo, porque já é a *nossa Lindinha* (que sabe sofrer com os que sofrem e alegrar-se com os que se alegram), metemos conversa. O tema de hoje eram as gaipas...

— *Ainda ontem fui às gaipas no meu quintal... Lembra-se como fazíamos uma gancha para apanhar as mais altas?!... Recordamos. Rimo-nos. Partilhei um flash de mais vida e vida em abundância.*

— *Ai a festa que nós fazíamos quando encontrávamos uma gaipa que era um cacho escondido... O cuidado em encaixar a gancha no estrepe do cacho, fixá-la bem, empurrar com jeitinho até agarrar o joelho do cacho, torcer até quebrar e... descer muito devagarinho até chegar, sem mossa, às mãos da gente... Ah, não havia maior prazer!...*

**3. As gaipas são o regalo do podador...** O sr. Machado chegou há pouco. Gosta de conversar e

também traz histórias de «ir às gaipas». Partilhamos experiências. Lá no seu meio, «as gaipas são o regalo do podador», diz-me. Recordo o meu pai e meus irmãos mais velhos, em cima de escadas de 15 e mais degraus, a podar nas árvores e bardos de *vinha de enforcado*... Se aparecia um cacho desses que vale a pena, lá vinha a festa. Às vezes, até desciam para partilhar conosco, cá em baixo, a *apanhar a lenha da poda*. Porque, naquele tempo, tudo se aproveitava até ao tutano. A nossa economia era

eminentemente *rural*. Por isso até nós *ruralizávamos, éramos "meninos labregos"...*

1. *«Respigo é «aquilo que fica nas bordas do campo e/ou perdido no chão e que pode ser apanhado pelos pobres, após a colheita».*

2. Na Bíblia, a palavra *redentor* tem o significado de «aquele que paga o preço de um resgate». Rute, estrangeira e viúva, estava condenada à condição de «mulher de ninguém». Moaz, seu parente por afinidade do falecido marido, podia resgatá-la, redimi-la. E foi o que fez...

Um admirador  
[Escreve segundo o acordo ortográfico]

### CALVÁRIO – Voz aos Doentes

Sou o Paulo Sérgio e gosto de ouvir música. Vou estar de aniversário natalício no próximo domingo dia 26 de Outubro. Farei 50 anos, meio século de vida! Gostaria de comer um bolo gelado, eu e os outros membros do Calvário, onde agora vivo. Nasci em França e depois de ficar órfão fui para umas irmãs religiosas em Santa Maria da Feira. Ainda guardo essas recordações. Entretanto a Casa do Gaiato de Beire recebeu-me e fiz desse Lugar o meu abrigo. Fui colaborando nos trabalhos agrícolas enquanto pude, até que as mudanças recentes alteraram os nossos ritmos. Ainda ajudo com os jardins quando me pedem. Com a Isabel e outros voluntários procuro ajustar o meu dia-a-dia. Seja no jogo de Boccia seja na preparação de papel reciclado. Gosto sempre de cumprimentar quem nos visita, ao domingo para a missa ou durante a semana por várias razões. Dou-lhes as boas-vindas. Precisamos dessas pessoas. Os meus problemas de saúde, às vezes, levam-me a ter reacções incontroladas de que me arrependo prontamente. E espero sempre que aceitem o meu abraço como um pedido de desculpa. Começar a tratar de cavalinhos pode ajudar-me. Assim espero.



Paulo Sérgio

# Centenário da Matrícula do P. Américo no Seminário de Coimbra (1925-2025)

## Caridade, acção e lucidez na obra do P. Américo Monteiro de Aguiar

Continuação do número anterior

### 3. Caridade, acção e lucidez

NO título da intervenção que anunciei, dizia que se tem de começar pela caridade. O que significa começar pela caridade? Significa começar pela acção. Ora a acção é várias coisas. Primeiramente é práxis. Práxis não é fazer coisas. Práxis é recuar até ao ponto em que a vida divina se faz vida do sujeito. Esse ponto existe? Sim, mas não consiste na nossa boa vontade. Consiste em algo anterior a isso. Muitas vezes, levamos a vida toda para lá chegar. O P. Américo andou de experiência fracassada em experiência fracassada até lá chegar. Aquilo que ele chama “a martelada” que o acordou, creio que se refere a isto. O mesmo aconteceu a Paulo de Tarso, a Agostinho de Hipona, a Teresa de Ávila, cada um a seu modo.

O caminho da práxis é um caminho de sofrimento, de inadaptação temporária, de confusão, de dor, às vezes de desespero. Normalmente as pessoas falam pouco desta faceta das suas vidas. Américo também fala pouco. Mas uma vez acontecida, aí começa a verdadeira vida do sujeito, a experiência de si, a evidência fulgurante do divino. Um fanático nunca lá chega nesta vida.

Do ponto de vista da fé, a caridade é a experiência da vida em Cristo. Reparemos que a experiência da vida em Cristo não apenas nos liga a Deus, mas liga-nos a nós mesmos. É experiência terapêutica. É um ganhar de confiança. Um adormecer e um acordar, ao meso tempo. É o momento em que a vida do sujeito e a vida divina coincidem. É o momento em que a vida di-

vina se torna real na existência imamente do sujeito. Não é a experiência do esforço e da complexidade, mas a experiência da simplicidade e da paz. O Reino está muito próximo de todos. Nós é que nascemos e vivemos longe dele. E caminhamos longe dele por numerosos anos, normalmente.

A caridade é práxis, pois é a experiência serena do repouso sobre a força da vida antecedente. É paz, pois o *shalom* divino sintonizado, esse *shalom* que Deus faz esforço para colocar diante de todos os seres humanos, até os despertar.

Américo vagueou, lutou, sofreu até encontrar. Mas no termo, a sua vida tornou-se de uma segurança serena, de uma confiança na bondade do ser humano, numa mão estendida que fez milagres entre tantos e tantas que, desde a sua lonjura se aproximaram e viveram essa experiência compartilhada.

Mas a experiência humana, tal como a vê o cristianismo é também *poiesis*, quer dizer realização de obras. A práxis deu ao P. Américo uma grande capacidade de levar por diante tantas obras visíveis, de uma grande eficácia, de uma resistência e de uma *endurance* que ainda hoje nos fazem admirar. Ele não era um homem de acção, no sentido mundo da expressão. Era um fenómeno de confiança na vida. Esse é o Segredo da sua eficácia e da sua confiança nos outros, sobretudo dos seus gaiatos, tanto quando os ganhava como quando, dolorosamente, os perdia. Era também daqui que lhe vinha a competência para criar, para imaginar, para escrever, para garantir a eficácia das suas obras.

Era também daqui que lhe vinha a lucidez. A lucidez, no sentido que a utilizo aqui é sinónimo de sabedoria prática, de prudência (*phronesis*), para decidir, para avançar ou para recuar, para rever, para arrear caminho, quando era o caso. Daqui lhe vem o seu génio de escritor, um escritor sem diletantismo, mas que capta a vida, a sua e a dos outros, no seu lugar fontal e não nos lugares de vaidade e de barbárie no meio dos quais vivemos hoje, como se vivia no tempo dele.

### 4. Que retrato posso fazer dele, neste centenário da sua carreira de teólogo?

Ele foi um fruidor da vida. Os “aguiares” de Galegos eram homens que bailavam nas festas, comiam alegremente o pão das suas colheitas e bebiam o vinho das suas adegas fartas. Era esta a imagem que dele tinha o Bispo Barbosa Leão, natural de Parada, que não viu com bons olhos a vocação do candidato ao Seminário do Porto. Para mim, esta é uma definição muito acertada do carácter de Américo Aguiar. Não é um defeito. É uma virtude. Ele conservou-a por toda a vida. Mas, a partir de certa altura, quase não tinha tempo para isso e não o lastimava. Lembro-me do testemunho do Senhor Manuel Cunha, do Espelho da Moda, essa Casa de Betânia que ele frequentava um dia cada semana e onde saboreava com prazer a comida que sabiam que ele gostava, onde corava as refeições com o fumo do seu tabaco preferido. Isto é vida contemplativa no seu melhor. Fruir é a definição agostiniana da vida da graça. Deus é para fruir. As coisas são para

usar. Esta hierarquia de valores foi o centro da espiritualidade do P. Américo. A alegria com que descreve os dias de lavoura e de vindima, em Paço de Sousa, a refeição que partilhava com os seus gaiatos, só tinha paralelo com a fruição da eucaristia e com os momentos de solidão que fruía diante do Santíssimo. Não me lembres o mundo! Ele era de Jesus, não do Baptista como por vezes o fazem. Quando começou a fruir a proximidade com o esposo divino, viveu apaixonadamente e serenamente a vida do céu nos caminhos do Porto e nos outros.

Ele foi um impelido. Ele foi o exercício da piedade (não sou padre de bênçãos). ele foi um antecipador, o que lhe dava a imagem de um inadaptado.

A sua vida é compreensível à luz da encarnação, mais do que da paixão. A sua vida foi uma expansão à volta do mistério central da encarnação do Verbo. Viveu dos sentidos e do sensível. A nossa carne só é pensável a partir da encarnação. O seu dinamismo não lhe vem de si mesma, mas do Espírito. Só assim se explicam os nossos sentidos e todo o sensível. A propósito do P. Américo, podemos dizer com precisão que a carne de Cristo brilhava no seu rosto, a palavra vibrante de Cristo é que dava vida ao seu sermão, a competência gratificante da mão de Cristo é que lhe guiava a pena com que escrevia, o braço de Cristo dava calor ao braço com que abordava e abraçava toda a miséria dos seres humanos para que saíssem dela pelo seu pé.

Padre Jorge Cunha  
4 de Outubro de 2025

## BENGUELA - VINDE VER!

Continuação da página 1

dões e informações sobre o contexto escolar, tais como onde encontrar estes cursos, as características e exigências dos mesmos. E quando o rapaz identifica através do auto-conhecimento as suas potencialidades e as suas insuficiências e recebe informações bastantes sobre a grelha de cursos existentes, exercitamos o cruzamento das informações. Por um lado os traços da personalidade do candidato ao curso médio e do outro ângulo todas as informações sobre o que escolher de concreto. Nesta fase termino a minha acção e deixo os rapazes tomarem com maturidade a decisão sobre o que querem estudar dentro do contexto apresentado. Quem não escolhe o que gosta desperdiça tempo e recursos que deveriam fazer um trabalho mais positivo se tivessem sido direccionados para o que realmente gostariam de fazer. A

escolha adequada de um curso pode determinar em parte a perspectiva de futuro e de realização pessoal. O lema destas primeiras jornadas académicas é: Fazendo de cada criança através da escola um bom cidadão. O tema é: “o contributo da escola da Casa do Gaiato ao longo dos 50 anos da Independência”. Cujo objectivo é: reflectir sobre os ganhos obtidos pelas crianças no processo de ensino e aprendizagem. No dia 7 de Novembro será apresentada uma grande conferência sobre o percurso do processo de educação e ensino realizado ao longo deste 61 anos de existência da nossa escola. Quando se deu a Independência a nossa escola já contava com mais de 10 anos de funcionamento. Queremos dar esta homenagem também a este nosso cantinho do Saber. A história já está feita. Estamos ainda a construir mais 10 salas de aulas para retirar o maior número de crianças

que estudam debaixo das árvores da nossa escola. E em perspectiva está um projecto de construção de um Instituto Médio Técnico e Profissional Agropecuário. Fazendo valer as potencialidades agrícolas e de produção animal e mais os cursos que os sectores das nossas oficinas têm: electricidade, mecânica, pintura, carpintaria e serralharia. No dia 8 será realizada uma mesa redonda sobre os benefícios adquiridos pelos antigos estudantes da nossa escola. Dia de experiências e memórias – do passado ao presente em vista ao futuro. A conclusão é de pai Américo «são nove horas. É a hora da escola. Toca a sineta e aí vem o espectáculo mais caseiro da nossa Obra. Os rapazes a caminho das aulas. Uns pela avenida. Outros por atalhos. Grupos consoante as simpatias. Cores diversas. Vai a bola. Vai o arco. Vai o à-vontade. Assim se vinca a personalidade de cada um na liberdade da escolha».

Padre Quim

## MALANJE

Continuação da página 1

de recuperar as áreas produtivas da Casa.

O projecto do Calvário de Malanje continua a dar passos firmes e estamos a ultimar o anteprojecto que será apresentado ao Governo Provincial para aprovação. Este mês começam as obras de reabilitação do galinheiro com a colaboração da Mundo Orenda; certamente também precisaremos da ajuda de algum benfeitor entre os nossos leitores.

Graças ao apoio de um gru-

po missionário de uma paróquia de Zaragoza, vamos ainda ampliar a enfermaria e, se tudo correr bem, colocar um tecto falso em algumas das salas da escola.

Agradecemos de coração por todo o apoio que permite que a Obra da Rua e o espírito do Padre Américo continuem a fazer-se presentes no mundo. Rezemos para que nós, padres da Rua, sejamos também capazes de encontrar novos caminhos, para que outros encontrem no nosso modo de viver — discípulos pobres ao serviço dos pobres.

Padre Rafael



Proprietário e Editor: Obra da Rua ou Obra do Padre Américo  
N.I.P.C. (NIF) 500 788 898 • N.º de Registo 100398 • Tiragem: 7800

Director: Padre Júlio • Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes (C. P.: TE-555)  
Redacção e Administração: Largo da Casa do Gaiato, 94 • 4560-378 Paço de Sousa  
Impressão: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato • 4560-378 Paço de Sousa

Tel.: 255 752 285 (Chamada para a rede fixa nacional)  
geral@obradarua.pt • jornal.o.gaiato@obradarua.pt  
www.obradarua.pt • www.obradarua.pt/estatuto-editorial/ • facebook.com/Casa.do.Gaiato

Crédito Agrícola: IBAN: PT50 0045 1342 40035524303 98  
NIB: 0045 1342 40035524303 98 • BIC/SWIFT: CCCMPTPL

Caixa Geral de Depósitos: IBAN: PT50 0035 0597 0002 9078 0304 5  
NIB: 0035 0597 0002 9078 0304 5 • BIC/SWIFT: CGDIPTPL

## PÃO DE VIDA

## De como o Américo Monteiro de Aguiar entrou no Seminário de Coimbra

VALE bem a pena continuar a tecer mais algumas linhas sobre a admissão de Américo Monteiro de Aguiar no Seminário da Sagrada Família de Coimbra, em 1925. Este 1.º Centenário foi justamente celebrado com a participação de muitos filhos e amigos da Obra da Rua, de dois ilustres conferencistas — Padre Jorge Cunha e Padre João Pedro Bizarro — e do senhor Bispo de Coimbra. A nossa gratidão! Na sua linguagem original e em síntese, mais tarde, Padre Américo resumiu vários capítulos da sua biografia. Estas linhas dizem muito das voltas da sua vida. Eis: «[...] Eu fiz exame de primeiras letras mesmo na pontinha do derradeiro quartel do século XIX. Durante muitos anos, ocupei-me a ver terras e gentes. A seguir, aninhei-me num convento, onde aprendi um tudo-nada de latim. Quando me propunha ficar, os frades deram-me carta de marcha. Bati à porta do então Bispo do Porto. *‘Que não; já era velho e vinha do mundo.’* Fiquei no de Coimbra, onde os cônegos mai-los doutores da igreja me deixaram passar com pena dos meus anos. [...]» [O Gaiato, N.º 17, 15 Out. 1944, p. 2].

O Padre Dr. António Moreira da Rocha, amigo penafidense e de horas difíceis, com quem desabafou em S. Miguel de Paredes, depois da saída de Vilariño e até tomar novo rumo, anotou assim: «[...] Em Outubro de 1925, separámo-nos, mas tinha-se desenvolvido entre nós uma sólida amizade, que havia de perdurar para sempre. Entrou no Seminário de Coimbra. O nosso diálogo, encetado no Verão de 25, havia de continuar-se epistolarmente. [...]» [Revista Penafiel, N.º 1, 1972, p. 42].

O Bispo D. Rafael da Assunção, grande amigo franciscano e seu confidente espiritual em Moçambique, deu um testemunho seguro sobre a sua saída de Vilariño e entrada no Seminário de Coimbra, do qual recortamos este naco: «[...] O Senhor Bispo do Porto, D. António Barbosa Leão, não o quis aceitar. Já tinha recebido outro de idade madura e não tencionava repetir a experiência. D. Manuel Coelho da Silva, embora com fama de rigoroso e muito exigente, recebeu-o no Seminário, com singular recomendação do franciscano P.º Inocêncio do Nascimento, cujas qualidades o Senhor Bispo muito apreciava. [...]» [O Gaiato, N.º 333, 8 Dez. 1956, p. 1].

De facto, foi bem recomendado pelo franciscano Padre Inocêncio José do Nascimento Alves, que exerceu a sua actividade apostólica principalmente como pregador e director espiritual. Este virtuoso frade menor nasceu em Tinhela — Valpaços, em 18 de Dezembro de 1877; e faleceu em 5 de Março de 1936, na Fraternidade de S. José [à Rua Silva Carvalho, 34], em Lisboa, com 59 anos [vd. *Província Franciscana dos Santos Mártires de Marrocos de Portugal — Memória da Família 2023*, Lx.ª: Cúria Provincial, p. 38].

Como Américo Monteiro de Aguiar não abandonou o propósito firme de se consagrar inteiramente ao serviço de Deus e obteve resposta afirmativa do Bispo de Coimbra, D. Manuel Luís Coelho da Silva, acabou por entrar finalmente no Seminário de Coimbra, à beira dos 38 anos e com coragem para estudar Filosofia [em 1925-1926], com outros seminaristas bem mais novos. Pela mão do Vice-Reitor, Cônego Tomás Fernandes Pinto [1880 †1940], foi registado o seu termo de matrícula, que diz assim: «N.º 262 — Américo Monteiro de Aguiar, de 37 anos, filho legítimo de Ramiro Monteiro d' Aguiar e Teresa Ferreira Rodrigues, natural dos Galegos, concelho de Penafiel, diocese do Porto, tem [tendo] os preparatórios menos filosofia, foi admitido neste Seminário em 3 de Outubro de 1925 como aluno interno pensionista.» [Arq.º Seminário Maior de Coimbra — *Livro de Matrículas*: Matrícula N.º 262, de 1925, fl. 88 v.º].

Esta admissão no Seminário de Coimbra foi um momento muito importante no seu itinerário vocacional, mas que esteve em risco, tendo em conta um testemunho credível do Padre Dr. Avelino Soares, seu conterrâneo e amigo: «[...] Da boca do mesmo Senhor Bispo [de Coimbra], ouvi eu, no Seminário de Coimbra, estas palavras, que eram já, naquela altura, um precioso testemunho: *‘Hesitei em receber este homem e afinal foi uma grande bênção de Deus que caiu sobre a minha Diocese’*. [...]» [‘Fugido de si mesmo’, in *jornal O Tempo*, Penafiel, N.º 12, 9 Julho 1972, p. 1].

Dos momentos de entrada, há um testemunho significativo de um Superior no Seminário de Coimbra — o Padre Euclides de Oliveira Morais: «Estava eu na Prefeitura da 2.ª, dedicada a Santo António de Lisboa, quando certo dia do princípio de Novembro [Outubro], o Snr. Bispo D. Manuel Luís Coelho da Silva me aparece à porta do quarto com um Senhor bem-posto dizendo: *‘Aqui tem o Snr. Américo de Aguiar. Vem frequentar o Seminário e para a sua Prefeitura; mas fica ali num dos quartos da 1.ª. Quando se dirigir a si, é preciso atendê-lo’*. E voltando-se para ele: *‘Este é o seu Prefeito. Quanto necessitar de alguma coisa, vem aqui pedir licença’*. Deu-me o Anel a beijar e a ele — e deixou-nos sós.

[Continua]

Padre Manuel Mendes

## CALVÁRIO

Reivindicamos direitos onde só a graça atua e, por isso, tornamo-nos ingratos. Respiramos o principal veneno da vida espiritual: a ingrati-dão autojustificada. *Romper a solidão*. Erik Varden, Lucerna, p. 42.

NO contexto do processo de actualização que se vive no Calvário, recebemos a comunicação oficial do Estado, através dos seus órgãos competentes [Núcleo de Respostas Sociais, Unidade de Desenvolvimento Social – Centro Distrital do Porto], da autorização de funcionamento legal (despacho da Senhora Adjunta de Segurança Social com data de 2025-09-30) para acolhimento de pessoas idosas e doentes nos espaços recentemente reabilitados. É um passo mais neste caminho que vem a ser percorrido há 71 anos. Acreditamos que este seja o reconhecimento, por parte das autoridades competentes, do lugar próprio e específico do Calvário no panorama da prestação de cuidados de saúde e humanização em Portugal, onde fomos pioneiros no conceito de cuidados terapêuticos e paliativos.

Há muitos membros que vivem cá há décadas, outros que chegaram recentemente, vindos de diferentes geografias sociais e culturais. Há quem esteja agora a ser cuidado e que no passado cuidou com toda a caridade em diversos sectores da sociedade. Há quem tenha estado na Obra e quem só agora contacte com ela.

Neste saudável desenvolvimento contamos com a ajuda de

## POBRES

JÁ tinham dado sinal de andarem a procurar uma nesga de terreno onde pudessem construir uns anexos, como apelidaram a sua futura casinha. São um casal jovem, ele trabalhador em mecânica de automóveis e vai governando a vida com alguns extras fora do horário de trabalho.

Obtido o terreno, já tiveram ajuda para preparar o chão, mas o trabalho não ficou muito bem como anotou a mãe do jovem mecânico e a nora.

Desejosos de comprarem os materiais para fazerem as paredes prometemos-lhes o pagamento de algumas facturas, as quais sozinhos não conseguem pagar.

Hoje em dia chegam-nos poucas iniciativas de auto-construtores ao nosso conhecimento, rareiam estes empreendedores.

Vamos acompanhar este casal e incentivar.

O Património dos Pobres, nas suas casinhas espalhadas pelo país inteiro, foi um grande milagre de Pai Américo. Saiu-lhe do coração naquele 13 de Maio de 1952, em Fátima. Centenas de casas para famílias sem lugar humano onde habitar, umas mais numerosas que outras, saíram das mãos de muitos que se apaixonaram com este ideal de dar uma casa a quem a não tinha para viver.

Hoje, as existentes, muitas delas melhoradas em suas condições, embora outras fiquem deixadas ao abandono, manifestam na sua génese e pelos tempos fora o que a fé de um Homem pode fazer, qual “incêndio” que se ateou na alma de muitos portugueses.

É certo que quem vive em pequenos palácios pode perder a sensibilidade perante a carência dos Pobres, a quem basta uma casinha humilde onde possam criar raízes e construir as suas vidas. Pai Américo conhecia a vida dos Pobres e, por isso, actuou em consonância.

Não ter casa equivale a não ter vida própria.

Padre Júlio

## SINAIS

RECORDO — tão lindas! — as velozes andorinhas nas ruas da minha aldeia, rentinhas ao chão. Vão, vêm e vão — velozes — tão lindas!

Crianças e velhinhos, sentadinhos nos bancos de pedra, nas ruas da aldeia, olhando, em silêncio, o voo das andorinhas.

Lembro de perguntar a minha mãe: — *Porquê as andorinhas voam com tanta pressa?*

— *Procuram bichinhos* - disse ela, sorrindo — *para se alimentarem*. Os velhinhos, sentados nos bancos de pedra — olham e sorriem.

Grande acontecimento no pequeno mundo das crianças: era a chegada das cegonhas. Vinha sempre um par e poisava no alto do campanário da nossa igreja. Dali, cumprimentavam a pequenada.

— Já vieram as cegonhas!, gritavam eles.

Corríamos e brincávamos nas eiras, onde se trigava o pão. E, alegres, dizíamos uns aos outros:

— Já vieram as cegonhas!

Padre Telmo

novos colaboradores, sejam profissionais, sejam voluntários ou amigos. O grande desafio que se apresenta para o Calvário é manter o carisma e a intuição do fundador, Pai Américo: que seja um lugar de Redenção — lugar de doentes, para os doentes, procurando o centro, que é Cristo, através do rosto, das histórias pessoais e das debilidades deles, com os doentes.

A sociedade pós-moderna, mais sensível, deu lugar à sociedade líquida, profundamente descartável. O Calvário quer ser uma resposta da Igreja, através da Obra da Rua, para desmontar essa cultura de descarte. Preconceito onde os doentes incuráveis, os abandonados, os pobres e os sós contam apenas como número e não como pessoas com um percurso existencial e antropológico que é preciso respeitar e manter vivo até ao fim de vida.

O Calvário é um lugar de diálogo: entre os seus membros; com quem os serve; com aqueles que os visitam; com múltiplas instituições – hospitais, centros de saúde, organizações sociais, empresas; com outras casas e organizações que procurem objectivos similares ao nosso.

O Calvário, nesta fase, procura abrir-se à sociedade para melhor a compreender e servir, à luz do que pedia o Concílio Vaticano II na *Gaudium et Spes* e à luz do processo sinodal que o Papa Francisco desejou implementar na vida da Igreja e das suas instituições. Procuramos estar disponíveis para gerar novas casas, como a que está a ser pensada para Malanje e quem sabe um dia também Benguela.

Padre José Alfredo